

## A NATUREZA MIMETISA O ERÓTICO NA POESIA DE CASTRO ALVES E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE<sup>1</sup>

Ana Beatriz de Souza Pereira<sup>2</sup>

### RESUMO

Considerando a poesia erótica como o reflexo da estética e dos costumes característicos de cada época, entende-se que o erotismo é algo cultural e intrínseco à integralidade humana por se tratar de uma atividade ímpar: o ser humano é o único animal racional que, além de utilizar o sexo para reproduzir a espécie, pensa e pratica o ato de maneira prazerosa, cultuando-o (PAZ, 1994). Em nossa cultura ocidental, o erotismo já foi tratado de maneira confortável e sem a carga negativa atrelada ao tema com o surgimento do cristianismo e a inclusão do sexo à esfera do sagrado. A atitude mais comedida de tratar o assunto deu início ao uso de metáforas e metonímias na poesia erótica envolvendo-a em uma atmosfera misteriosa, promovendo a curiosidade pelo que se oculta e, conseqüentemente, no meio obscuro pelo medo da revelação do que se esconde. Segundo Antonio Candido (2000), inicialmente, a literatura do movimento romântico vestiu as cores locais da sociedade incorporando e tornando visível o chamado nacionalismo-indianismo ao incentivar e nutrir o amor à pátria. No entanto, em nova fase, a ultrarromântica, o surgimento da ruptura pela idealização cega ao país é incentivado e acompanhado de novos sentimentos característicos ao sujeito, centrado no eu e em um demasiado subjetivismo, no qual o erotismo patente da lírica amorosa se faz presente. Partindo das reflexões propostas por Cortázar (2015) sobre a literatura erótica como parte da integralidade do ser humano, de José Paulo Paes (2006) de que a poesia erótica, antes de tudo, é a representação de uma experiência humana, relembrando vivências, e de Octavio Paz (1994) com o conceito de erótica verbal, ligando a poesia erótica à imaginação, analisamos o erotismo presente nos poemas “Adormecida” e “Em teu crespido jardim, anêmonas castanhas”, respectivamente, de Castro Alves e de Carlos Drummond de Andrade, a fim de identificar, em seus componentes estético-discursivos, suas singularidades e suas diferenças quanto à temática em causa. Para isso, foi analisada a progressão discursiva dos poemas, as escolhas lexicais dos autores, a presença de figuras de linguagem e outros aspectos compositivos. Assim sendo, concluímos que por meio da representação de elementos da natureza como flores, folhas e galhos a imaginação atua como agente influenciador da cena erótica nos dois poemas, metamorfoseando a poesia em *erótica verbal*.

**Palavras-chave:** Poesia erótica. Erótica verbal. Natureza. Castro Alves. Drummond.

<sup>1</sup> Artigo produzido como atividade avaliativa da disciplina *Literatura Brasileira II*, ministrada no segundo semestre de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, pelo professor Dr. Derivaldo dos Santos, vinculado ao Departamento de Letras. Contato: [sderivaldo10@gmail.com](mailto:sderivaldo10@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [anabeatriz81souza@gmail.com](mailto:anabeatriz81souza@gmail.com).

## ROMÂNTICOS: DO PATRIOTISMO À LÍRICA ERÓTICA DA SEGUNDA GERAÇÃO

O embrião do romantismo brasileiro formou-se, anteriormente, na manifestação artística e literária do Arcadismo com a valorização da vida campestre, da natureza e das ideias iluministas (CANDIDO, 2000). Ao desenvolver-se, o embrião logo tomou características contrárias ao movimento arcádico e atingiu a maturação com o nascimento do Romantismo por meio, principalmente, da adoção da imagem do índio como herói nacional, da descrição de uma natureza mais específica e expressiva da nossa fauna e flora e do olhar atento aos costumes e tradições do povo. Em outras palavras, segundo Candido (2000), a literatura vestiu as cores locais da sociedade incorporando e tornando visível o chamado nacionalismo-indianismo.

Buscando a independência literária por meio de produções de autoria própria, fatores de grande relevância como a expressão do sentimento patriótico, a fuga dos modelos clássicos e a apoderação da atividade intelectual brasileira como uma maneira de esclarecer e reforçar a consciência patriótica na edificação nacional atuaram pujantemente no desenvolvimento da ideia romântica. Nesse sentido, o reconhecimento das características mais básicas, incluindo a religião e o indianismo, colaborou para a fixação da imagem de que o movimento romântico seria o sinônimo ideal de nacionalismo, limitando-se apenas ao que corresponde à primeira fase do movimento. No entanto, a organização do século XIX não se encerra somente aos temas citados, mas também se expande em segunda e terceira geração, conhecidas, respectivamente, por ultrarromântica e condoreira.

Se, inicialmente, no movimento romântico havia o incentivo estável e nutritivo ao amor à pátria, agora, em nova fase, o surgimento da ruptura pela idealização cega ao país é incentivado e acompanhado de novos sentimentos intrínsecos ao sujeito, centrado no *eu* e em um demasiado subjetivismo. O ultrarromantismo brasileiro, marcado pelo individualismo do escritor, essencialmente pela demonstração do seu estado de espírito em plena inquietação e insatisfação, é caracterizado pelo sentimentalismo exacerbado, a introspecção e o pessimismo. Com o isolamento, os poetas românticos cooperaram para visão de predestinação e grandeza sobre si e, conseqüentemente, esse fator auxiliou na representação do sujeito melancólico, sombrio e tediosos presente na lírica da segunda fase. Ainda, outros temas inerentes ao individualismo vieram à tona durante esse

período, dentre eles podemos citar o saudosismo, a não idealização da realidade social brasileira e o erotismo.

Diante da produção literária dos poetas byronianos, isto é, da geração ultrarromântica, e do erotismo patente na lírica amorosa, este trabalho visa analisar a mimese erótica nos poemas “*Adormecida*” e “*Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas*”, respectivamente de Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade, além de verificar o diálogo e o intertexto<sup>3</sup> entre os poetas. Em sua totalidade, a discussão também pretende salientar que a poesia erótica independe dos movimentos culturais literários, visto que ela perpassa os séculos, mesmo quando é negligenciada.

## **METODOLOGIA**

O fascínio humano em representar o sexo na arte e na literatura por meio da poesia erótica não deixou de se manifestar fortemente no Romantismo brasileiro e nos movimentos literários posteriores. Diante disso, observar as estratégias de elaboração e sutilmente a persistência do tema desde sua ascendência é indispensável para tentar compreender a cultura brasileira enquanto cor local, com nossos traços e particularidades, e igualmente enquanto sentimento total, ou pelo menos de uma boa parte, da vida humana.

Nesse sentido, a metodologia adotada neste estudo consiste em articular o texto e a realidade histórica, partindo da leitura do texto literário para o contexto social e cultural, nos termos sistematizados por Candido (2011), presentes em sua obra *Literatura e Sociedade*. Além disso, com base no conceito de *erótica verbal* apresentado por Paz (1994), buscamos analisar as figuras de linguagem, as escolhas lexicais e a utilização dos símbolos da natureza como mimese do erótico, atentando para os pontos comuns e divergentes entre os poemas.

## **OS PILARES TEÓRICOS: A ASCENDÊNCIA DO EROTISMO NA INTEGRALIDADE HUMANA**

Desde o fundamento da literatura ocidental, o erotismo esteve em vigência como um dos temas favoritos para o ser humano. Aliás, não só na literatura ocidental, mas

---

<sup>3</sup> Por ser um conceito muito amplo, neste caso, optamos por tratar a intertextualidade como o texto literário preexistente a outro texto e que é aproveitado, por absorção e/ou transformação, influenciando o novo texto, cronologicamente, e favorecendo os processos de produção criativa.

também em todo o mundo, a temática anda de mãos dadas com o que consideramos individual e, simultaneamente, coletivo para o indivíduo racional, pensante. O erotismo, especificamente a poesia erótica, é o reflexo da estética e dos costumes característicos de cada época. Segundo Cortázar (2015), na antiguidade clássica, as literaturas grega e latina, não demonstravam pudor ao tratarem sobre o erotismo, na verdade, discutir sobre a literatura erótica humana era tão convidativo quanto conversar sobre atividades cotidianas, uma vez que o tema fazia parte da integralidade do ser humano. Atualmente, na contemporaneidade, a temática é quase sempre aludida de maneira marginal pela sociedade, tratada como algo áspero e proibido, carregando o peso da censura e considerada um tabu.

Nesse sentido, entende-se que o erotismo é algo cultural e intrínseco à integralidade humana, principalmente por se tratar de uma atividade singular, ou melhor, o ser humano é o único animal racional que além de utilizar o sexo para reproduzir a espécie, pensa e pratica o ato de maneira prazerosa, cultuando-o, conforme pensa Octávio Paz, em seu livro *A dupla chama*, no qual também apresenta o conceito de *erótica verbal*, ligando a poesia erótica à imaginação: “A linguagem é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez o erotismo é cerimônia, representação. [...] A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético.” (PAZ, 1994, p. 12). Assim, o ato erótico e o ato poético se coadunam via o poder da imaginação criadora, do poder do sonho, da fantasia e do jogo de sedução do corpo e da linguagem que o criador comporta.

Especialmente em nossa cultura ocidental, a princípio, o erotismo já foi tratado de maneira confortável e sem a carga negativa atrelada ao tema com o surgimento, por exemplo, do cristianismo e a inclusão dele à esfera do sagrado (CORTÁZAR, 2015). No contexto da civilização grega, havia liberdade de expressão sobre o assunto acompanhada de um sentimento comedido ao tema. Esse comportamento mais discreto dos gregos deu início ao uso de metáforas e metonímias na poesia erótica e logo se tornou uma das principais características do gênero, envolvendo-o em uma atmosfera misteriosa, promovendo a curiosidade pelo que se oculta, e, conseqüentemente, na atmosfera obscena pelo medo da revelação do que se oculta. Do mesmo modo, a repercussão do erotismo na literatura prova o quanto a vida erótica do ser humano é essencial e parte para mais do que sensações carnis, uma vez que o texto erótico, nesse caso o poema, promove o aparecimento de lembranças, momentos vividos, recordações

cruas. Na verdade, o termo “recordar” vem diretamente do latim com “re-cordis” e quer dizer voltar ao passado pelo coração<sup>4</sup>, em outras palavras, a poesia erótica desperta efeitos desse caráter e engrandece seus propósitos, como afirma José Paulo Paes:

[...] O que ela busca [a poesia erótica], antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas de experiência humana: a erótica. Representar é re-presentar, tornar novamente presentes – presentificar – vivências que, por sua importância, mereçam ser permanentemente lembradas: na mitologia grega, Mnemosina, a memória, era mãe das nove Musas ou artes. Pois a arte faculta o reviver, no plano imaginário, o essencial do que se viveu ou se aspirou a viver no plano do real. (PAES, 2006, p. 15)

Mesmo aliado ao fator da recordação, devido ao tabu que o tema sustenta, faz-se necessário distinguir o texto erótico do pornográfico para efetivação deste estudo dialogal. Segundo Durigan (1986), o primeiro caracteriza-se, principalmente, pelo discurso implícito do texto, ou seja, são utilizadas figuras de linguagem que constroem o não-dito do poema erótico. Já o segundo, é fruto de uma produção cultural em massa, muitas vezes produzido apenas com objetivo de entreter sem suscitar valores sentimentais e reflexivos sobre o texto e qualifica-se, essencialmente, pelo discurso explícito, sem restrições e ambiguidades. É importante salientar, como dito anteriormente, que o texto erótico é resultado de uma cultura, apresentando-se como representação de uma época, configurando-se como dependente dos valores sociais e até do escritor.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### • A erótica verbal na poesia de Castro Alves

Castro Alves é eminentemente conhecido por ter sido um poeta preocupado com questões sociais, ou melhor, humanitário. Não foi por acaso que ganhou o título de “poeta dos escravos” pela obra *O Navio Negreiro*, que caracterizou sua poesia como instrumento de resistência e encaixou o escritor na terceira geração do romantismo brasileiro: a Condoreira. Antes de partimos para a análise propriamente dita, é significativo para a discussão frisar o poder transcendental da literatura, considerando que um autor e sua obra não devem ser rotulados e presos a um determinado movimento literário ou a época de modo preciso. Neste sentido, é aceitável analisar o poema

<sup>4</sup> Ver Eduardo Galeano, *O livro dos abraços* – 9ª ed. – Porto Alegre: L&PM, 2002.

*Adormecida*, de Castro Alves, à luz da geração ultrarromântica, já que esse e muitos outros de seus poemas como, por exemplo, o clássico *Espumas Flutuantes* apresentam traços temáticos referentes ao amor, erotismo, pessimismo, melancolia e saudade.

### Adormecida

Uma noite eu me lembro... Ela dormia  
Numa rede encostada molemente...  
Quase aberto o roupão... solto o cabelo  
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste  
Exalavam as silvas da campina...  
E ao longe, num pedaço do horizonte  
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,  
Indiscretos entravam pela sala,  
E de leve oscilando ao tom das auras  
Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago  
Mesmo em sonhos a moça estremecia...  
Quando ela serenava... a flor beijava-a...  
Quando ela ia beijar-lhe. . . a flor fugia. . .

Dir-se-ia que naquele doce instante  
Brincavam duas cândidas crianças...  
A brisa, que agitava as folhas verdes,  
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...  
Mas quando a via despeitada a meio,  
P'ra não zangá-la... sacudia alegre  
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia  
Naquela noite lânguida e sentida:  
"Ó flor! —tu és a virgem das campinas!  
"Virgem!—tu és a flor da minha vida!..  
(ALVES, 1860)

Claramente, o poema se enquadra na fase ultrarromântica do romantismo brasileiro justamente pela atmosfera de amor e sensualidade provocada pelo eu-lírico não só durante a progressão das estrofes, mas também pelas escolhas lexicais e as figuras de linguagens empregadas. Em uma primeira análise, observa-se que o poema

possui versos irregulares, decassílabos, distribuídos em sete estrofes em quartetos perfeitos, além de possuir rimas pobres, da mesma classe gramatical (substantivo/substantivo ou adjetivo/adjetivo), rimas ricas, de classes diferentes (substantivo/adjetivo e verbo/adjetivo), todas em cruzamento (ABAB).

Considerando a progressão discursiva do poema, na primeira estrofe o eu-lírico cria por meio de uma percepção subjetiva, característica romântica, uma atmosfera amorosa e erótica e a imagem de uma mulher amada, desejada, construída pelo uso dos adjetivos “encostada molemente”, “quase aberto”, “solto”, “descalço” que passam a impressão inicial de sensualidade e permite o leitor adentrar no ambiente íntimo da moça, ou melhor, possivelmente em seu quarto durante a noite. Já na segunda estrofe, o eu-lírico relata que a janela do quarto se encontrava aberta e que de lá “*um cheiro agreste exalavam as silvas da campina*” corroborando para o tom de erótico do poema. Na terceira e quarta estrofes, o uso da personificação dá vida aos elementos da natureza proporcionando o jogo sugestivo de ações entre os ramos do jasmineiro e a mulher adormecida:

De um **jasmineiro** os galhos encurvados,  
[...] Iam na face trêmulos — beijá-la.

Em seguida, na quinta estrofe, as escolhas lexicais das palavras “doce”, “brincavam”, “cândidas” e “crianças” envolvem a cena em uma deliciosa ingenuidade, infantilizando a mulher e valorizando o caráter virginal das jovens, presente nos antigos costumes da sociedade e por sua beleza. Finalmente, na sexta e na sétima estrofes o campo sugestivo do não-dito entra em cena para concretizar o teor de erotismo levando o leitor a criar variadas interpretações sobre os versos, em especial a de intimidade profunda entre os galhos do jasmineiro e mulher, ou melhor, da efetivação do ato sexual entre ele e ela:

E o ramo ora chegava ora afastava-se...  
[...] P'ra não zangá-la... sacudia alegre  
Uma chuva de pétalas no seio...

É por meio desse jogo de sugestões, do não-dito, das figuras de linguagem, especialmente das metáforas como, por exemplo, a personificação de objetos inanimados, que o erotismo se dá no poema. Para conferir de maneira minuciosa analisamos o nível lexical do poema, juntamente com o nível semântico, para chegar na

interpretação proposta. Podemos verificar no Quadro 1 as palavras, no nível semântico, separadas em três categorias.

<b>Palavras ligadas à...</b>		
<b>Erotismo e sensualidade:</b>	<b>Natureza:</b>	<b>Corpo humano:</b>
Roupão	Campina	Cabelo
Beijá-la	Jasmineiro	Pé
Afago	Galhos	Cheiro
Estremecia	Flor	Face
Lânguida	Folhas	Seio
Noite	Ramo	-
Cândidas	Pétalas	-

**Quadro 1 – Campo semântico do poema “Adormecida”**

Fonte: Os autores, 2020.

É fato que uma cena de amor e de muita intimidade é narrada pelo eu-lírico e isso é perceptível por causa da interação entre o jasmineiro e a mulher que reage “estremecida” aos beijos e carícias da flor. Ainda é cabível dizer que o ápice do poema se encontra na quinta estrofe com a chegada e o afastamento do ramo possibilitando duas interpretações: a primeira da boca do amado que ora se afasta e se aproxima para beijar a amada e a segunda do órgão sexual masculino que se afasta e se aproxima da cavidade genital feminina, dando a implícita ideia da consumação do ato sexual.

Também é importante atentar-se para o símbolo do jasmineiro no poema, já que ele é uma espécie de planta com flor cultivada para fins ornamentais e muito admirada pelas suas flores aromáticas em formato de estrela, se apresentando como um arbusto perene, ereto ou trepador com longos e flexíveis caules. Assim, tomar conhecimento da forma concreta do jasmineiro favorece na interpretação dos versos e no campo sugestivo da imaginação. Além disso, outro verso a respeito da planta que pode ser interpretado ambigualmente é “P’ra não zangá-la... sacudia alegre/ uma chuva de pétalas no seio...”; a chuva de pétalas é encarada como algo íntimo, delicado, e pode ser interpretada como uma chuva de beijos no peito da mulher adormecida.



- **A erótica verbal na poesia de Carlos Drummond de Andrade**

Sabe-se que o poeta de Itabira é conhecido por falar constantemente de amor, no entanto, em sua obra o tema geralmente foi tratado no campo da abstração, da idealização e do platônico. A singularidade da obra póstuma *O amor natural* é o novo tratamento que a lírica amorosa ganhou, apresentando ao país de maneira crua e desbocada o amor na forma concreta, ou melhor, o amor erótico. Configurando-se como um poeta moderno, Drummond foi mais um escritor que concedeu a atenção ao erotismo, apontando a transcendência e a importância da temática para a humanidade, mesmo quando negligenciada, durante o avanço do tempo e dos movimentos literários.

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas  
Detêm a mão ansiosa: Devagar.  
Cada pétala ou sépala seja lentamente  
acariciada, céu; e a vista pouse,  
beijo abstrato, antes do beijo ritual,  
na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado.  
(DRUMMOND, 2013)

Apesar do tamanho, o poema de Drummond não deixa de possuir a devida riqueza. Inicialmente, verificamos que há apenas uma estrofe de seis versos no poema. As rimas são brancas, fracas, e o destaque fica por conta do nível sonoro, haja vista que a aliteração, que consiste na repetição de sons consonantais semelhantes nas palavras de uma frase, é a principal figura de linguagem e recurso estilístico para criar sonoridade. No poema isso acontece com os pares de palavras **crespo/castanhas**, **anêmonas/castanhas**, **pétala/sépala** e **beijo abstrato/beijo ritual**.

Observando para a progressão discursiva é notório que o eu-lírico narra uma cena de cunho sexual. Uma mão ansiosa é detida pelo crespo jardim da mulher amada, objeto de amor, descendo devagar pelas pétalas e sépalas da flor, acariciando-a. Em seguida, o eu-lírico promove por meio das escolhas lexicais uma esfera sagrada sobre sua ação utilizando as palavras “céu”, “ritual” e “sagrado”, envolvendo a cena de amor carnal em tons de claridade e limpeza, além de dignificar o momento.

acariciada, **céu**; e a vista pouse,  
beijo abstrato, antes do beijo **ritual**,  
na flora pubescente, amor; e tudo é **sagrado**.

É válido ressaltar que apesar da construção de versos simples, o procedimento feito na elaboração desse poema drummondiano é contraposto ao discurso pornográfico, uma vez que o poeta não utilizou um linguajar baixo e chulo, preferindo optar por uma abordagem direta do ato sexual por meio da aplicação de metáforas, se enquadrando perfeitamente no não-dito do discurso erótico. O Quadro 2 esclarece as três categorias de palavras que compõem o campo semântico do poema.

<b>Palavras ligadas à...</b>		
<b>Erotismo e sensualidade:</b>	<b>Natureza:</b>	<b>Corpo humano:</b>
Devagar	Jardim	Crespo
Lentamente	Anêmonas	Mão
Acariciada	Pétala	Vista
Beijo	Sépala	-
Amor	Flora	-
-	Pubescente	-

**Quadro 2 – Campo semântico do poema “*Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas*”**

Fonte: Os autores, 2020.

Ao analisar as metáforas, pode-se dizer que no poema há o relato descritivo de uma relação sexual, ou de pelo menos uma parte sintetizada dela. O eu-lírico toca com a mão o púbis feminino figurado em imagem floral, a flor. O que nos sugere se tratar de uma cena erótica, conforme a imagem que nos é concebida por Octávio Paz (1994), quando este afirma que o ato erótico e o ato poético se harmonizam por meio da imaginação. É válido afirmar que a simbologia das palavras no poema é a peça chave para interpretá-lo, sendo assim, pensar na flor como a estrutura reprodutora das plantas que dão frutos, como nas aulas de botânica, ajuda a enxergá-la como o órgão sexual feminino que, assim como nas plantas, também produzem e protegem os gametas dando origem aos frutos e sementes. As pétalas e, principalmente, as sépalas também enriquecem a interpretação do poema, basta lembrar que as sépalas são peças constituintes da flor, localizadas na extremidade desta e com a função essencial de

proteger o botão floral se fechando sobre ele. Nos versos “cada pétala ou sépala seja lentamente/ acariciada, céu”, pode se dizer que elas correspondem aos lábios maiores e menores da vulva que protegem a abertura do céu equivalente a vagina.

Outro símbolo importante de forte carga sugestiva do erótico e do jogo de sedução que o poema traz à expressão diz respeito às anêmonas. Nesse caso, o poema nos oferece, dentre outras, duas possibilidades de interpretação. A primeira, de anêmona-do-mar o animal predatório que usa seus tentáculos para capturar alimentos e que, coincidentemente, ganhou esse nome por causa da flor terrestre. A segunda, de mais cabível interpretação, é a flor terrestre da primavera que herdou o nome *anêmona* da mitologia grega e também ficou conhecida como flor do vento. Com isso, no primeiro verso, título do poema, “em teu crespo jardim, anêmonas castanhas”, apreende-se o crespo jardim como os pelos púbicos da mulher, de modo específico, os pelos pubianos como a flor anêmona de coloração castanha, a cor natural.

É interessante notar, ainda, a sacralização que envolve a cena de amor. Como discutido anteriormente, o erotismo é constantemente encarado como tabu e tema indevido, sujo, pecaminoso. Drummond naturaliza essa forma concreta de amor colocando-a em uma atmosfera límpida e aberta de devoção, reconhecendo a necessidade pujante de amor como integrante do ser humano, compreendendo o erotismo como paixão e amor lúbrico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer a persistência do erotismo nos movimentos culturais é o primeiro passo para perceber a necessidade do ser humano de dialogar e abordar o tema confortavelmente, sem os pesares que ao longo da história foram atribuídos e cravados fortemente ao amor, quando tratado com hesitação e de modo proibido (CORTÁZAR, 2015). Além disso, compreender que a arte literária, em especial a poesia erótica, mimetisa a vida e as relações humanas, abre as portas para a recorrência do tema nas produções literárias.

Logo, mesmo com as aparentes divergências, em “*Adormecida*” e “*Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas*”, o campo semântico e o jogo sugestivo por meio das metáforas nos guiam à cena sexual, ademais, a reincidência da temática nos poemas convergiu em um passeio de beleza e de sucesso indiscutíveis. Portanto, a partir das

análises, concluímos que os elementos estéticos-discursivos mimetizados no poema de Castro Alves, e que integram o fazer poético de Drummond, como flores, folhas e galhos, fazem de suas criações uma espécie de *erótica verbal*. Ainda, também verificamos que com o passar das gerações e a com formação de novas manifestações literárias, manteve-se o tema, sucedendo apenas uma ressignificação, isto é, uma nova maneira de falar a respeito de uma das atividades primordiais do ser humano: a vida erótica.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. In: Poesias Completas. São Paulo: Ediouro, s.d., 1870.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural**. Posfácio Mariana Quadros – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CANDIDO, Antonio. **O nacionalismo literário**. In: Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Vol 2. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. p. 11-21.

\_\_\_\_\_. **O romantismo como posição do espírito e da sensibilidade**. In: Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Vol 2. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. p. 23-30.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História literária. Rio de Janeiro, 2011.

CORTÁZAR, Julio. **Aulas de literatura**. Tradução Fabiana Camargo. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. – 2ª ed. – São Paulo: Ática, 1986.

GIDDENS, Anthony. **O amor romântico e outras ligações**. In: A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (Biblioteca básica).

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. – 7ed. – São Paulo: Ática, 1991.

KEHL, Maria Rita. **Masculino/feminino: o olhar da sedução**. In: NOVAES, Adauto. O olhar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PAES, José Paulo. **Poesia erótica em tradução**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**. Tradução Wladir Dupont – São Paulo: Siciliano, 1994.